



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de assinatura de termos de adesão ao programa Bolsa-Atleta**

São Paulo-SP, 17 de novembro de 2008

Bem, eu já estou muito feliz, porque o Serra disse que está criando um campeonato para a terceira idade. Isso significa que eu ainda poderei ganhar a minha medalha.

Quero cumprimentar o Governador,
Cumprimentar minha companheira Marisa,
Cumprimentar a ministra Dilma,
O ministro Orlando,
O ministro Temporão,
O senador Aloizio Mercadante,
O deputado Milton Monte.

O Jorge Hereda, vice-presidente da Caixa Econômica Federal, que tanto tem ajudado os nossos atletas,

O prefeito de Campinas, doutor Hélio,
O Edinho, de Araraquara,
O Marcelo Candido, de Suzano,

Quero cumprimentar os secretários estaduais que estão aqui, e secretários municipais de esporte,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Vital Severino Neto, presidente do Comitê Paraolímpico Brasileiro,

Quero cumprimentar o Antônio Moreno, presidente do Esporte Clube Pinheiros,

Cumprimentar todas as nossas queridas e queridos atletas e paraatletas, aqui representados pela Rosely e pelo Misael; pelo Bruno, da categoria internacional; pela Milena, da categoria nacional e pelo Diego, da categoria



estudantil,

Quero dizer que é muito prazeroso ter entre nós o nosso querido Rogério Sampaio, medalhista de Judô,

O nosso companheiro Bernard, nosso querido... também medalhista de prata na seleção de vôlei,

Hortência, não sei se você ganhou na Olimpíada, ganhou medalha na Olimpíada? De prata, mas eu sei que foi um show no Pan-Americano realizado em Cuba. É muito prazer ter aqui o Rogério, o Bernard e a Hortência prestigiando este nosso evento.

Não se assustem porque eu não vou ler o discurso. Queria apenas dizer para vocês que eu estou gratificado. Não porque já fizemos tudo que temos que fazer ou que podemos fazer, mas porque o pouco que nós fizemos é muito mais do que o que já tinha sido feito em qualquer outro momento da história deste país. E esse pouco nos fez enxergar que com poucos recursos nós poderemos resolver a situação do esporte no nosso país, a gente pode resolver o problema de meninos e meninas que têm vontade, disposição, potencial, e que, às vezes, disputam tudo isso com um prato de comida ou com as suas péssimas condições de vida.

Fico feliz quando o governador de São Paulo anuncia que São Paulo vai criar o seu Bolsa-A atleta. Oxalá, e que Deus nos ajude que a partir do ato de hoje todos os 27 governadores do País resolvam criar o seu Bolsa-A atleta, porque aí a gente vai dando um passo extraordinário.

Eu tive a oportunidade de, talvez, ter sido o presidente da República que mais se reuniu com os atletas brasileiros, porque temos feito muitas reuniões, pelo menos umas duas por ano, e eu tenho dado incentivo, por algumas razões. Primeiro, porque tem uma discrepância no Brasil entre os atletas, ou seja, a iniciativa privada brasileira, eu até diria que do ponto de vista econômico correto, patrocina muito os atletas que já são famosos, aqueles que lhe dão



retorno econômico. E ela se esquece de que para que aquele atleta ficasse famoso e lhe desse retorno econômico, em algum momento, antes de ficar famoso, alguém apostou nesse atleta: às vezes o pai, às vezes a mãe, às vezes um clube lá da periferia da cidade onde ele morava. Mas no fundo, no fundo, alguém acreditou antes para que aquela pessoa pudesse chegar à performance destes três que eu citei aqui.

Eu acho que nós precisamos ter um pouco mais de coração neste país. Muitas empresas brasileiras são empresas que ganham muito dinheiro. Eu me lembro de que depois das Olimpíadas, eu estava no meu gabinete, um grande empresário pediu uma audiência comigo e disse para mim o seguinte: “Presidente, eu fiquei torcendo na frente da televisão para que os nossos atletas ganhassem as medalhas. E quando eles não ganham, a gente fica comparando a quantidade de medalhas nossas com a quantidade de medalhas de outros países, e a gente fica perguntando: por que não mais medalhas? Por que não mais “não sei das quantas”?”

E ele mesmo disse para mim: “E aí, Presidente, sabe o que eu descobri? Em vez de cobrar dos atletas brasileiros, eu me perguntei: o que eu já fiz para que o Brasil pudesse competir em uma Olimpíada? Qual o investimento que eu já fiz?”. A verdade é que o esporte, ou é obrigação do pai e da mãe, ou do próprio atleta, que quando está vocacionado para aquilo, deixa de comer para fazer as coisas. Um verdadeiro atleta, enquanto está se preparando, não tem tempo para ficar sábado e domingo namorando, não tem tempo de ir ao cinema, não tem tempo de passear. Ele tem que fazer uma opção: ou eu quero ser um atleta de verdade, e eu preciso me preparar, porque a vida de preparação é até os 18, depois se joga, ou se treina, ou se pratica esporte, para disputar até no máximo os 30, e depois termina a atividade esportiva, pensando em ganhar uma medalha.

Então, eu fiquei pensando: o que o Estado pode fazer? Eu fiquei vendo na televisão aqueles atletas, eu acho que era em Presidente Prudente, uns



meninos que eram maratonistas, que não tinham nem tênis para treinar. Como é que a gente pode querer que essas pessoas ganhem medalhas? De vez em quando uma cortadora de cana ganha, mas de vez em quando. E esporte, a gente sabe que a gente não pode ficar à mercê da sorte, à mercê da obra-prima que Deus produz a cada cem anos um medalhista de ouro. Esporte é uma coisa que nós podemos preparar, nós podemos criar o atleta, nós podemos criar as condições dessa menina e desse menino treinarem. Governador, de vez em quando, eu fico vendo as escolas públicas nossas e fico vendo os espaços que tem para as crianças praticarem esporte. Algumas não têm nenhum espaço, não têm nenhum espaço. Algumas parecem uma caixa de fósforo em que a criança entra, fica presa dentro de uma sala de aula e não tem absolutamente nada para ela treinar. Outras têm condições, e quando têm condições, em muitos lugares do País ainda são fechadas ao público no domingo, quando é o tempo que o povo tem de freqüentar.

Eu estou convocando agora, Governador, uma reunião com os prefeitos. Você sabe que os prefeitos, todo ano, fazem uma marcha a Brasília para fazer reivindicação ao Presidente da República. Eu agora vou tomar a dianteira e vou convidá-los a Brasília. Eu vou fazer uma pauta de reivindicação para eles. Não que eu não queira atender à marcha deles, quero atender e atender às reivindicações, mas eu quero fazer uma pauta para os prefeitos. Uma dessas coisas, Orlando, seria o seguinte: cada prefeito, seja um prefeito de Santarém, no Pará; seja um prefeito de Quixeramobim, no Ceará; seja um prefeito da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro; aqui, na periferia de São Paulo; em qualquer estado, cada prefeito, se quiser, tem a sua pequena Bolsa-Atleta e cria as condições para que os atletas daquela cidade possam competir. É apenas uma questão de querer. É apenas uma questão de definir como prioridade.

Onde as crianças têm condições de praticar qualquer esporte? Uma pessoa que queira ser maratonista, onde ela tem uma pista para correr? Não



tem, tem que ser na rua. Uma pessoa que quer fazer ginástica artística, onde que vai ter? Não tem porque, na verdade, muitas vezes se faz até um ginásio grande, mas ali só se pratica basquete, vôlei, no máximo chega ao futsal. E fora disso não tem espaço, aquilo é fechado de segunda a domingo. É aberto apenas quando tem um grande evento, e a população circulando em volta daquilo sem ter um espaço para treinar. Quantos campos de futebol ficam fechados a semana inteira, com portão com cadeado trancado, quando se poderia abri-los para os milhares de jovens da periferia poderem praticar alguma coisa lá? Esse desafio eu vou querer fazer para os prefeitos.

Da mesma forma que eu vou querer desafiar os prefeitos para acabar com o analfabetismo no Brasil. Não é o Presidente da República, de Brasília, que vai saber que lá em Chuí tem uma criança na periferia que não entrou na escola. O prefeito pode saber. Então ele tem que ter a responsabilidade de entender que uma criança, para ir para a frente, tem que estudar. E se a gente fizer isso, cuidar do esporte, da educação e da cultura, nós estaremos competindo com uma coisa extraordinária, Serra, que é competir com o crime organizado. Dê motivação a uma criança, que eu duvido que ela vá atrás de drogas. Dê condições de um atleta treinar, de um menino treinar, de ele pegar gosto por aquele treino, para ver se ele vai aceitar que alguém lhe dê maconha para fumar ou que alguém o pegue para trabalhar para traficante.

Na verdade, o que está faltando ainda no Brasil é as pessoas perceberem que o Estado – seja o governo federal, o governo estadual ou o governo municipal – existe, e que nós estamos ali para servi-las, fazendo as coisas que são necessárias para que este Brasil dê um salto de qualidade extraordinário.

Estou vendo aqui, por exemplo, algumas coisas meio contraditórias: o Aloizio Mercadante feliz porque o Santos ganhou, não vai descer; o Juvenal feliz porque o São Paulo ganhou, pensa que vai ser campeão; o Zé Serra feliz porque o Flamengo poderia ter marcado mais do que cinco gols no Palmeiras



pelo que jogou; eu feliz da vida porque o Corinthians é o primeiro da segunda, feliz da vida. Por mim eu deixaria o Corinthians definitivamente na segunda, mas sei que pessoas como o Juvenal estão preocupadas, porque quando o Corinthians voltar para a primeira, acabou a festança do São Paulo neste País.

Estou dizendo isso para poder relaxar um pouco, porque eu falei que não ia fazer discurso e comecei a fazer um discurso. Eu queria dizer para vocês que eu gosto de esporte porque acho que não tem nada melhor, não é apenas para a saúde. Qual é a coisa que mais dá chance para um pobre vencer na vida? É o esporte. De vez em quando tem um milagre e um deles chega à Presidência da República, mas somente no esporte é que o pobre tem um pouco de oportunidade, até porque não tem filho de rico praticando esporte, são poucos. Tem gente de classe média alta jogando esporte, mas futebol é sobretudo uma coisa de pobre, porque todo mundo quer ascensão na vida.

Quantas meninas, Hortência, ficaram vendo você jogar imaginando ser a cestinha de ouro? Quantas meninas passaram 15 anos te vendo jogar, imaginado fazer cesta de três pontos com a facilidade que você fazia? Quantos meninos da periferia, no meu tempo, não viam se o Bernard fazia o tal saque nas estrelas, o “jornada nas estrelas”? Nem sempre acertava, mas a intenção era boa. Agora, essas crianças não puderam ir para a frente porque não tiveram lugar para ir para a frente.

O esporte é uma coisa barata. Uma praça de esporte pode ter multifuncionalidade... você pode ter no mesmo espaço uma piscina, que custava caro antigamente, quando tinha que cavar um buracão de não sei quantos metros, fazer azulejo, mas hoje você compra piscinas razoáveis a um preço barato. Quanto custa cada cidadezinha ter uma praça multifuncional para que a gente coloque essa meninada para treinar? Qual é a opção que temos hoje? Ou você levanta pela manhã, quem tem computador vai para a internet, sobretudo as crianças vão para escola, depois voltam e vão para a internet. Ou, se tiver dinheiro, o pai paga um clube para ela jogar, na expectativa de que



vire um atleta, senão fica na frente de uma televisão vendo o quê? Qual é o processo de educação que nós aprendemos quando ligamos uma televisão neste país? Pelo contrário, eu diria que em muitos casos o que nós assistimos é um processo de degradação da estrutura da família neste país. Ou seja, não existe espaço para a nossa meninada.

De coração, Orlando, quero te dar os parabéns porque finalmente valeu a pena ter um Ministro do Esporte neste país, finalmente. Você sabe, Juvenal, que normalmente quando o político ganha as eleições, a primeira coisa que ele faz é chamar um grande jogador para ser ministro. Eu acho que quando você coloca a corporação para ser ministro, a tendência natural é ele ser ministro pensando apenas no esporte que ele praticava. Então, nós tínhamos a Lei Pelé, a Lei Zico, a lei não sei das quantas... Ou seja, cada um que entrou foi fazendo uma lei, quando na verdade o que nós precisamos é ter alguém que tenha uma visão além da especificidade, uma visão do conjunto da prática de esporte neste país, para que a gente possa criar as condições para essa meninada poder praticar.

As crianças que chegam em casa cansadas, depois de um dia de treino, não têm tempo para nada a não ser comer e dormir, não têm tempo para fazer peraltices. Por isso hoje é um dia gratificante para mim. Gratificante porque finalmente saímos de R\$ 13 milhões para 26, e agora com 40 milhões de incentivo vamos atender a totalidade das pessoas, não é Madrugá? Todo mundo vai entrar e vamos continuar crescendo, porque eu acho que o esporte é não apenas uma esperança, é uma saída e um grande leque de oportunidades para a nossa juventude.

Eu tive a felicidade, nunca tinha sentido essa sensação, mas eu tive a felicidade de estar em Pequim na abertura das Olimpíadas. O orgulho de estar lá em cima – os atletas nem vêem a gente – vendo aquele bando de meninos e meninas carregando a nossa bandeira, vestindo a camisa das nossas cores... Se vão ganhar medalha ou não, são outros quinhentos, o que vale é o



seguinte: nós fomos lá, e fomos lá com os nossos melhores. Fomos lá com os atletas paraolímpicos, que muitas vezes quem está governando pensa que são portadores de deficiência. Portadores de deficiência são os governantes que não querem enxergar que mesmo um cadeirante ou um portador de deficiência visual pode ser um grande atleta.

Eu jamais imaginei ver um portador de deficiência visual jogando bola. E às vezes jogam melhor do que muitos atletas que a gente pensa que são atletas, às vezes jogam. O esforço, a vontade de ganhar... Essas meninas aqui... Só que a gente a vê na televisão e pensa que ela tem um metro e noventa. Ela parece um “meio quilo”, não é? Baixinha, mas parruda e brigadora. Se Deus quiser, Juvenal... e criar também, no São Paulo, um time feminino. Todos os times deveriam ter um time feminino, ter basquete, ter...

No mais, quero agradecer aos familiares. Agradecer, porque eu sei o que vocês significam na vida dos filhos de vocês. Eu sei o orgulho, sei o sofrimento, sei as angústias. Eu me comprometi a conversar com os principais empresários brasileiros, porque não é apenas o Estado que tem que fazer, a iniciativa privada também tem a obrigação de ajudar esses jovens a serem atletas importantes e atletas internacionais.

Muito obrigado, gente. Que Deus abençoe todos vocês. Vamos continuar trabalhando para melhorar a prática do esporte no nosso país.

(\$211A)